



Newsletter Setembro-Outubro 2009

## **Seropositivos unem-se para enfrentar o preconceito**

(continuação)

Pelo depoimento de Samuel, parece que não houve muito progresso desde 2005, quando a Associação Shinguirirai (Coragem, em língua Shona) realizou uma pesquisa na província de Manica e concluiu que mais do que a falta de remédios, a fome e a pobreza, o preconceito é o pior sofrimento para os seropositivos. A associação é formada por pessoas a viver com o VIH.

### **Insultos e condenação**

A discriminação assume várias formas, de acordo com a pesquisa: no bairro, insultos de ordem sexual; na família, abandono e isolamento do doente; no trabalho, rejeição e perda de emprego; na igreja, condenação; nos centros de saúde, atraso no atendimento e repressão verbal.

Há quem se recuse a sentar ao lado de um seropositivo, quem não venda ou não compre serviços e mercadorias de alguém que abertamente assuma viver com o VIH e quem se afaste de seropositivos quando eles chegam ao poço ou fontenária.

“O preconceito piora quando se trata de uma mulher. Uma mulher quando se assume seropositiva é condenada veemente pela sociedade. Mas, quando o homem assume publicamente a sua seropositividade, a sociedade aceita mais facilmente”, acredita.

O resultado dessa exclusão, realça a pesquisa, provoca traumas psicológicos entre os seropositivos, bem como o sentimento de vingança contra a sociedade e a morte prematura dos doentes.

Em Moçambique existe uma única lei que protege os seropositivos, aprovada em 2002, que proíbe apenas a discriminação no trabalho.

**“Havia pessoas que nos cuspiam quando passavam próximo dos locais onde estivéssemos reunidos”**

Em Dezembro de 2005, a Rede Moçambicana de Organizações que Lutam contra o VIH/SIDA (MONASO) e organizações de Pessoas Vivendo com VIH/SIDA (PVHS) submeteram uma proposta de lei mais

abrangente, que ainda aguarda apreciação na Assembleia da República.

O Conselho de Ministros aprovou no Plano Estratégico de Combate a Sida 2005 -2009 os princípios de promoção e protecção dos direitos humanos e acesso universal aos serviços de atendimento ao VIH/SIDA, mas, para Samuel, os seus efeitos são limitados enquanto não se traduzir numa legislação.

### **Acordo contra preconceito**

Há dois anos foi criada em Machaze a Tchitenderano (Acordo, em língua Ndau) - primeira associação de seropositivos que ousou tratar da SIDA em reuniões públicas e promove campanhas contra o estigma e a discriminação.

O grupo já ajudou cerca de três mil seropositivos, contando com apenas 25 activistas, todos seropositivos.

Além de palestras, a associação vai aos hospitais prestar assistência psicológica e ajudar na melhor adesão ao tratamento antiretroviral e na comunidade presta assistência domiciliária a seropositivos.

“O estigma ainda é muito forte, apesar da legislação e das campanhas contra a discriminação em Machaze. Nós assumimos criar um ambiente de apoio a comunidade, tendo em conta que qualquer ser humano pode ser candidato ao VIH”, segundo Samuel Doris Campira, presidente da Tchitenderano.

“Eu não estava preparada quando tomei a decisão de deixar a casa dos meus pais, mas uni todas as forças e saí para a batalha. Hoje ainda tenho alguns problemas, mas com o apoio de outros seropositivos, a sociedade me encara da melhor forma”, sublinha Samuel.

### **Mudanças**

Campira recorda que quando a associação foi criada “havia pessoas que nos cuspiam quando passavam próximo dos locais onde estivéssemos reunidos. Alguns membros irritavam-se e recorriam à violência. Mas sempre evitámos o [confronto] e mantivemos a calma.”

Segundo Campira, valeu a pena enfrentar o preconceito: “Hoje há famílias com doentes em casa que nos procuram para se informarem sobre certas reacções do doente na fase do início do tratamento com antiretrovirais e não só.”

Com tempo, com informação e paciência as comunidades mudam as atitudes discriminatórias, acredita.

“Vejo que há uma tendência de a comunidade encarar com certa franqueza e abertura o problema do VIH/SIDA, sobretudo quando bate à porta nas suas famílias. Hoje temos funcionários públicos que assumem a sua seropositividade, não pelo facto de o seu emprego estar garantido [por lei], mas porque terá o apoio de colegas”, disse Eusébio Sixpenze, porta-voz do governo do distrito de Machaze.

Mas, mais do que isso, é preciso tomar a decisão certa para trazer mudança na sociedade enfatiza Samuel: “Eu não me arrependo de ter assumido a minha seropositiva. Acho até que foi a hora certa para libertar mais pessoas que estavam na minha situação. Actualmente, temos na associação um apoio formal, o que nos estimula”.

Fonte Original: Plus News, Machaze, 16.09.2009

<http://www.plusnews.org/pt/Report.aspx?ReportId=86173>

Fonte de referência:

<http://www.aidsportugal.com/article.php?sid=9899>

Revisão e pequena adaptação para Newsletter Abraço: António Guarita